

RECEPÇÃO DOS ALUNOS A UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Aguida Pereira de Souza¹
Bruno Alves Pereira²

INTRODUÇÃO

O ato de lecionar requer muitas habilidades, como por exemplo, apresentar uma boa pedagogia, ter um “controle” dos alunos em sala de aula, como também apresentar e efetivar em meio a este ambiente uma sequência didática que além de proporcionar conhecimento e aprendizagem promova a participação ativa dos alunos durante a execução das atividades.

Sendo o aluno um sujeito ativo nesse contexto de ensino, torna-se necessário ir mais além daquilo que é central durante a elaboração e aplicação em sala de aula, é preciso que também seja observado e analisado o posicionamento e a recepção dos alunos à sequência. Assim como aponta Freire (1996, p.86)

o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.”

Tendo em vista às novas compreensões acerca do papel do aluno, do professor e da exigência da elaboração de uma sequência que se adeque ao contexto daquela determinada turma, tornou-se necessário investigar as impressões dos alunos apresentadas por estes, assim como a participação, a interação, compreensão e de que forma tais reações contribuíram para o desenvolvimento da aula e da aquisição dos conhecimentos.

A partir desse contexto, surgiu o interesse em desenvolver este trabalho que visa apresentar uma sequência didática que tratou de três conteúdos: “Variação Linguística”, “Processo de Formação de Palavras” e “Texto Dramático”, sendo estes trabalhados durante o período de três semanas através da intervenção realizada em consonância com o programa Residência Pedagógica. Sendo assim, buscou-se observar como foi a recepção dos alunos a essa sequência didática apresentada nas aulas de Língua Portuguesa.

Seguindo essa perspectiva, a questão que norteia este trabalho é a seguinte: *Como os alunos receberam as atividades apresentadas pela sequência didática nas aulas de Português?*

A importância do uso da sequência didática é abordada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), não sendo menos importante apresentar Helena (2011), a qual evidencia a formação e o papel do aluno em sala de aula na atualidade. Há, nesse sentido a necessidade de se analisar a recepção dos alunos à aplicação de uma sequência didática tendo como público alvo os alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental. Além dos relatos de aula, teremos como suporte para análise um questionário respondido por estes respectivos alunos.

¹ Licencianda em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual da Paraíba – PB, aguidasouza159@hotmail.com

² Professor orientador: Mestre em Linguagem e Ensino, Universidade Estadual da Paraíba, brunoapcg@bol.com.br

DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E DA REAÇÃO DOS ALUNOS A ELA

Neste momento, nos deteremos a observação das três semanas de aulas ministradas.

Primeira semana – 19 de agosto a 23 de agosto de 2019

Quando se fala em sequências didáticas, entendemos que estas são relevantes por darem direcionamento ao trabalho do professor em sala de aula, possibilitando a realização de uma atividade sistemática e gradual de aquisição de conhecimentos pelos alunos, bem como permitindo que estes tenham acesso a diferentes formas de linguagem, como afirma Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Sendo assim, o primeiro conteúdo trabalhado na primeira semana de intervenção foi a “Variação Linguística”. A primeira atividade surgiu como um primeiro evento de observação a forma como os alunos recepcionariam a mesma, que se dirigia ao trabalho com imagens que trabalhavam os mais diferentes tipos de variação linguística, como por exemplo, a regional, a histórica e a social. Foram sendo feitos questionamentos orais acerca dos textos apresentados, se havia um lugar específico para a utilização das mesmas, de modo que não foi conceituado o tema variação Linguística, o que resultou em um ensino pautado na construção realizada a partir das leituras visuais.

O primeiro contato foi movido pelo pensamento de que a aula não funcionaria, devido ao barulho, ao espaço, de modo que também provavelmente houvesse pouca articulação. Porém, aquilo que pensávamos surtir efeito negativo surpreendeu-nos: os alunos apesar de estarem inquietos, participaram efetivamente da aula, de modo que a todo instante iam pontuando aspectos referentes às imagens. Diante dessa atividade, tivemos inicialmente apenas uma discussão oral, muito proveitosa, na qual os alunos inseriam comentários, perguntas e relacionavam à atividade com o seu contexto. Tais comportamentos vão ao encontro com o que Helena (2011, p. 32) aponta: “isto é, devem acontecer situações em sala de aula que promova a participação de todos os sujeitos que ali estão (educador e educando) e por meio de ‘trocas’, interação a aprendizagem ocorre de modo significativo.”

Esse momento de troca de conhecimentos e de discussão trouxe resultados significativos para que houvesse a interação em sala de aula. Sendo assim, houve a participação não unicamente do professor, porque ali a função era mediar a atividade através de alguns questionamentos dirigidos a turma. Logo, foi evidenciado que os alunos recepcionaram a atividade de um modo bastante significativo, participaram, interagiram e discutiram o que estava sendo trabalhado.

Segunda semana – 23 de agosto a 29 de agosto de 2019

Nesta semana, o trabalho dirigiu-se mais especificamente ao “processo de formação de palavras”, em meio as primeiras atividades foram apresentadas três imagens de cientistas que se correlacionavam com o texto dramático que foi trabalhado posteriormente “A descoberta”. A partir do trabalho com o texto nos direcionaríamos aos processos de formação de palavras encontrados neste e em exemplos cotidianos.

Primeiramente, é importante evidenciar a recepção dos alunos às imagens apresentadas na lousa que haviam sido impressas. Essa atividade foi dinâmica e a maioria dos alunos apresentou sugestões acerca de quais possíveis pessoas eram aquelas e a sua importância em meio ao desenvolvimento científico. Apesar de participarem da proposta feita, a atividade se

tornou algo conturbado, pois todos os alunos queriam falar ao mesmo tempo entusiasmados no intuito de descobrir, sendo necessário que houvesse uma intervenção solicitando que estes falassem um por vez. A recepção nesta aula foi proveitosa no sentido de que a participação dos alunos aconteceu e esse era o objetivo traçado: que eles falassem e indicassem pessoas prováveis. O interessante é que depois de desvendados os nomes, mesmo não sabendo exatamente quais os trabalhos daquelas pessoas, os alunos foram levantando hipóteses e dando sugestões, o que corroborou progressivamente para a execução da próxima atividade: a exposição do título do texto no quadro.

Essa última provoca no aluno não apenas o levantamento de hipóteses, mas também instiga a curiosidade em saber se o que eles expuseram como suposição é tratado no texto, fator este evidenciado não apenas nesta aula, mas também por relatos de outras residentes que ministraram aulas na mesma sala anteriormente. O levantamento de hipóteses apresenta um efeito significativo e os alunos acabam interagindo de uma forma bastante proveitosa, pois é um tipo de atividade oral e não escrita. Como os alunos dessa turma gostam de conversar, aproveitamos isso e pegamos o “gancho” da conversa trazendo para o conteúdo da sala de aula.

Tem-se então o engajamento da turma como um todo perante uma discussão que incentiva e instiga a sala por completo e traz à tona não apenas uma discussão coletiva, mas uma aprendizagem e levantamento de hipóteses que parte não apenas dos relatos efetivados pelo sujeito professor, mas também por aqueles que são apresentados pelos colegas de turma, se dando também no coletivo, sustentada pela ideia do nós e do outro. Logo, a construção coletiva suscita a participação dos alunos que são instigados a falarem e apresentarem dúvidas e comentários. De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), durante o procedimento de uma sequência didática subjaz alguns princípios como, por exemplo as escolhas pedagógicas: insere-se num projeto que motiva os alunos a escrever ou tomar a palavra; maximiza, pela diversificação das atividades e dos exercícios, as chances de cada aluno se apropriar dos instrumentos e noções propostos. Sendo assim, as atividades proporcionadas até este momento visavam dar conta do princípio apresentado por estes autores de forma que essa apropriação conduza a uma prática de leitura que será solicitada em atividades posteriores.

A leitura do texto foi solicitada e durante a atividade foi perceptível que alguns alunos se encontravam dispersos e não realizaram a leitura silenciosa. Sendo assim, a recepção dos alunos diante da realização da leitura de um texto relativamente longo foi interpretado de modo negativo, pois o intuito seria que a leitura fosse realizada por todos de modo que, logo após, haveria a leitura em voz alta, buscando haver uma discussão acerca do assunto tratado e de características específicas direcionando-se ao processo de formação de palavras. Desta forma, inicialmente a atividade não surtiu o efeito desejado, pois a maioria dos alunos não realizou a leitura silenciosa e se encontravam dispersos. Sendo assim, foi necessário a solicitação de uma leitura coletiva. Como se trata de um texto dramático, dois alunos foram convidados para interpretarem as personagens da história. Nesse momento, eles se encontravam atentos à leitura dramática realizada pelos colegas, sendo efetivado aquilo que havia sido planejado anteriormente, corroborando com as discussões que vieram logo em seguida. O próprio ato de representar por si só já é algo que chama atenção. A partir do desenvolvimento da atividade, observou-se que estes apresentam um certo grau de dificuldade no que diz respeito à leitura dramatizada e aos recursos de um texto, como pausa, entonação, fatores estes a serem trabalhados mais efetivamente no trabalho com o próximo conteúdo.

Mediante a leitura e discussão do texto, partimos para o estudo acerca do processo de formação de palavras de modo que utilizamos daquilo que o texto já nos fornecia, tratando inicialmente de neologismos. A atividade do livro foi realizada inicialmente através de tabelas que apresentam as palavras primitivas e as derivadas. Como as palavras apresentadas no texto

têm um caráter mais dinâmico e mais simples, a atividade foi realizada com sucesso. Todos os alunos responderam proporcionando assim um direcionamento para o tratamento de conceitos referentes à prefixação e à sufixação como também aos neologismos tratados. Foi perceptivo que os alunos receberam essas atividades, de maneira curiosa e atenta, por se dirigir a um trabalho com a gramática e com a análise de textos e das frases apresentando dúvidas frequentes referentes a aspectos gramaticais.

Terceira semana – 30 de agosto a 6 de setembro, de 2019

O conteúdo trabalhado nesta última semana foi o “Texto dramático”. Para darmos início ao trabalho com o mesmo, retomamos a nossa didática que envolve o uso de imagens já que foi evidenciado em aulas anteriores nas quais a recepção dos alunos foi extremamente significativa. Sendo assim, foram apresentadas imagens que conduziam ao título do texto “Deu a louca em Romeu e Julieta”, sendo que este não foi apresentado explicitamente, pois seria descoberto a partir das imagens e do jogo da força.

Os alunos receberam melhor do que o esperado essa atividade e todos deram sugestões acerca das imagens. Houve nesse momento risadas, suposições, dúvidas o que evidenciou que eles estavam envolvidos com a dinâmica apresentada. Em nenhum momento, foi requisitado que eles participassem, pois isso já acontecia espontaneamente, dirigindo-nos a ideia de que a atividade está surtindo o efeito desejado.

Ao ser apresentado o texto dramático, tinha-se em mente a solicitação de uma leitura silenciosa no primeiro momento, entretanto, devido ao título ser convidativo e por inicialmente ter sido exposto que se tratava de uma comédia, a euforia dos alunos não pode ser contida, o que fez com que houvesse mudança nos planejamentos da sequência didática. A recepção dos alunos à leitura do texto foi tão significativa que estes a realizaram já em grupos com outros colegas. A todo momento, ouviam-se risadas e comentários positivos dos alunos que diziam “professora, esse texto é muito engraçado”, “devia ter mais aulas assim”, “a gente pode ensaiar lá fora?”, “professora, fulano não sabe ser ator da globo”. Todos esses relatos evidenciam o envolvimento dos alunos com a leitura do texto. Nesse momento, é importante também evidenciar que os acompanhamentos buscando uma leitura efetiva no que concerne à utilização dos recursos que o texto dramático necessita que sejam efetivados aconteceu de modo individualizado. Durante os ensaios, comentávamos acerca dos usos dos recursos de pontuação e de entonação que eles deveriam atentar.

Sendo assim, essa atividade nos direcionou a ideia de que o trabalho com textos mesmo que longos mediante um gênero que chama atenção do aluno, nesse caso, a comédia e o próprio trabalho com o texto dramático, conduz os alunos a apresentarem uma recepção favorável à leitura e ao levantamento de hipóteses. Isso foi evidenciado pela participação, pelos apontamentos e pelas falas dos alunos durante a execução da atividade e a busca da leitura não só no momento da aula, mas também realizada em casa, fator este declarado por eles. Em aulas seguintes, os alunos foram direcionados a apresentarem uma nova versão para história, em que foi perceptível que eles não receberam a atividade com deslumbramento e que não conseguiam ativar a criatividade para com a atividade solicitada. Logo, se sentiam desmotivados com a escrita da mesma sendo necessário que fosse realizada uma intervenção individual, levantando ideias e sugestões para a produção. Isso conduziu também ao entendimento de que as atividades escritas e de produção são tidas como obstáculos pelos alunos, tendo assim a necessidade de elaboração de sequências que os conduza ao desenvolvimento dessas práticas.

DISCUSSÃO

Foi possível chegar a algumas conclusões a partir das respostas apontadas no questionário respondido por estes alunos. A maioria aponta: “*o que eu mais gostei na aula de português foi as atividades orais e a peça de Romeu e Julieta*”. Isso quer dizer que mediante a participação efetiva e recorrente principalmente no que concerne ao levantamento de hipóteses, foi verificado que os alunos recepcionam positivamente as atividades expostas no *datashow* e que instigaram a participação de modo oral e coletivo. Os questionamentos orais acerca das imagens funcionaram como uma atividade de envolvimento da turma como um todo.

No texto dramático, os alunos se sentiram empolgados, pois se dirigiram imediatamente à leitura dramatizada em grupo, apresentaram comentários apontando a forma como o colega estava dramatizando ou realizando a leitura sem evidenciar os recursos de pontuação. Realizaram a leitura do texto mais de uma vez, não só no ambiente escolar, mas também em casa. Todos esses fatores nos indicam que aulas que possibilitam o estudo de gêneros que divertem os alunos podem nos conduzir ao aprimoramento de práticas de leitura mais complexas.

Em relação ao que menos gostaram nas aulas de língua portuguesa, uma das respostas mais frequentes foi “*as aulas de escrever, porque são cansativas, com atividades longas*”. Isso condiz com aquilo que já havíamos evidenciado: os alunos diante das atividades de produção se encontram dispersos, desmotivados, não usam da criatividade e necessitam da intervenção do professor através de questionamentos também orais para que a atividade seja realizada, dando indícios de que as sequências didáticas devem desenvolver um trabalho conjunto apresentando novas técnicas diante da produção de textos escritos.

Outro fator evidenciado através do comportamento exposto pelo aluno diz respeito aos conteúdos que tratam mais especificamente de aspectos gramaticais, pois eles expressam dúvidas e a necessidade de atenção ao passo que ao serem desenvolvidas aulas neste sentido com exposição na lousa eles mantêm o silêncio e se colocam atentos às explicações. Fator este evidenciado no questionamento que se dirige às maiores dificuldades: “*Senti dificuldade nos neologismos e no prefixo e sufixo.*”

Sendo assim, é possível depreender que as atividades que requerem do aluno a participação efetiva de forma oral, no modo coletivo e através de recursos midiáticos faz com que eles participem mais efetivamente. Entretanto, quando nos dirigimos às atividades escritas, de produção e individualizadas, a turma tende a se apresentar desmotivada, sendo necessária a recorrência a novas metodologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse estudo possibilitou a reflexão sobre a receptibilidade, o tratamento, a aceitação ou não das atividades propostas aos alunos através da construção de uma sequência didática. Logo, observou-se que, é necessário que enquanto profissionais da educação, devamos estar atentos não apenas e unicamente à construção de nossas sequências, ou ao nosso papel enquanto mediador, mas também à forma como os alunos recebem e se comportam mediante à apresentação dessas atividades. Assim sendo, “a educação e a escola hoje devem garantir e proporcionar uma formação com princípios que desenvolvam a autonomia e a atuação em sala de aula de sujeitos ativos que colaborem e interajam de modo significativo” (HELENA, Magda, 2011, p. 31).

Com o exposto, defendemos não apenas a adequação das sequências didáticas usadas na sala de aula, mas também a busca por desenvolver no profissional da educação um olhar

crítico e uma análise aguçada perante as suas práticas e construções. Assim, tende-se a considerar o aluno como um sujeito ativo e central para o desenvolvimento de todas e quaisquer metodologias que venham a ser utilizadas como fonte de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, é necessário que a escola como um todo tenha um visão ampliada acerca do papel dos alunos e as influências desse papel ou desses comportamentos na elaboração dos materiais didáticos e dos posicionamentos a serem efetivados na sala de aula, o aluno sendo considerado como sujeito ativo permite evidenciar aquilo que Freire (1996, p.76) aponta: “[...] o mundo não é. O mundo está sendo [...] meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente”.

REFERÊNCIAS

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. **Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento**. In: Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 36 Ed. Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura), p.9-146.

HELENA, Magda. **A formação e o papel do aluno em sala de aula na atualidade**. Londrina –PR: Universidade Estadual de Londrina, 2011.